

CASA

VOGUE

ISSN 0104-5237 00214
9 770104 523002

EDIÇÃO 214
R\$ 10,00

arquitetura do futuro

CURADOR CONVIDADO
MARCIO KOGAN

philippe starck
design in rio

GIRO DA DECORAÇÃO
SIG BERGAMIN E SABINE
LOVATELLI GARIMPAM
O MELHOR DO DÉCOR



entre4paredes CASA VOGUE





"quero uma vida normal"

Pérgula do Copacabana Palace, Rio de Janeiro. Dia, perfeito, sol morninho, céu azul, azul, perfume da maresia no ar. O entrevistado? Philippe Starck! O maior designer da segunda metade do século 20 se abre nesta entrevista especial para *Casa Vogue*

POR CYNTHIA GARCIA FOTOS RUI MENDES

PHILIPPE STARCK TEVE SUA OBRA ECLÉTICA RECENTEMENTE HOMENAGEADA em uma grande exposição no Centro Georges Pompidou, em Paris, de fevereiro a maio deste ano, com fundo musical da compositora poética-anárquica, sua amiga, Laurie Anderson. Da homenagem nasceu *Starck Explanations*, publicado pelo Centro, um missal rosa-claro, com o acabamento das folhas em prata, onde esse gênio do traço e da volumetria, com jeito bufão, mas de lucidez invejável, fala de seus amigos e expõe seus pensamentos sobre a commedia dell'arte da vida: "O amor é uma espécie em via de extinção". A exposição também rendeu o livro, *Starck*, publicado por seu amigo o editor Benedikt Taschen, que contém sua valiosa contribuição para os novos caminhos da arquitetura, da decoração, do mobiliário e do desenho industrial.

Nos anos 80, estive nos badalados Les Bain Douches, Café Costes (hoje demolido), criações de um Starck ainda desconhecido. Mas foi em 1990, quando me deparei com o famoso espremedor que a região do meu cérebro que rege as emoções estéticas estremeceu, bipou. Até hoje um ícone – essa *espaço-nave-aranha*, criada para pousar nas bancadas do bar, da cozinha, e fazer jorrar sumo do limão indicava uma nova via no design. Danado esse Philippe Starck. Não há como deletar a emoção que me ejetou para outro planeta quando, em apenas um passo, me vi dentro de um novo mundo desenhado por esse francês, misto de Jacques Tati com Leonardo da Vinci. Foi em Madri, em 1991, meus amigos Maurício e Marcelo Nogueira da Silva ainda moravam na Espanha. Guiada pela dupla, minha excursão madrilenha não iniciou no Prado: "Cynthia, vamos ao Teatríz". Eu já havia lido, visto fotos na *The Face*. Mas babei com as soluções espaciais, as grutas uterinas, os volumes surrealistas, o gigantismo dos elementos, o duelo entre materiais, a interação simbiótica tradição-design, a sensualidade ultracontemporânea, a atmosfera futurista-amebóide e a surpresa onipotente a estimular os sentidos e o orgasmo in-

telectual. Esse tal de Starck, um neopequeno príncipe do design, parecia saído de um vôo muito louco – mas não cego – de um Saint-Exupéry pós-moderno. Insatisfeito, instalou-se num outro planeta com algumas traquitanas do passado e redesenhou tudo que o deixava infeliz, de escova de dente a barco, com um traço infantil inteligente – alquimia mais-que-perfeita dos gênios.

Pela primeira vez na *terra brasilis*, Starck aterrissa no nosso cartão-postal, Rio de Janeiro, em seu avião particular. Veio para fincar a pedra inaugural de seu segundo empreendimento no setor hoteleiro na América Latina, que pretende estender a outras cidades da AL, de sua empresa, Cosmic Carrot Group (CCG ou Grupo da Cenoura Cósmica, é isso mesmo). Com inauguração prevista para julho de 2004, o Rio Hotel Universe (conforme Paco Savio, diretor de marketing do cósmico grupo), situado em Ipanema, em plena Vieira Souto com Joaquim Nabuco, além da assinatura de Starck e de oferecer apenas cem apartamentos, é a derradeira esquina vaga da praia mais cantada em prosa e verso do planeta desde que Vinícius se enfeitiçou pelo gingado da Helô daqueles tempos. O empreendimento conta com a participação do sócio e seu grande amigo argentino, o charming Alan Faena, um guapo, elegantíssimo, moderno e poderoso, com quem Starck deu a partida ao empreendimento inicial da dupla, o “El Porteño Building”, em Buenos Aires, a ser inaugurado em maio de 2004. O business França-Argentina conta também com reforço do Brasil. A contribuição brasileira vem dos cariocas Constantino Bittencourt e Wolf Klabin, além das incorporadoras Metro, Gulf Investimentos e Dominus Engenharia. De volta ao Copa. Sábado. Meio-dia. Segundos depois, lá estava ele, aquela imagem que tanto vimos em situações surrealistas, clicadas pelo fotógrafo e amigo Jean-Baptiste Mondino: “Ele adora me fotografar, faz 80% das minhas fotos, sou sua Kate Moss”. Bem-humorado, um jeito bastante normal, sem afetação, mas uma aura o envolve. Com a famosa barba, ironia nos lábios, um jeito chique, sem pretensão, jeans, blazer, óculos, bonjour para cá, bonjour para lá. Junto à mesa a sombra, perto do Restaurante Cipriani, com a piscina do Copa como quadro, pergunto como deveria tratá-lo: “vous ou tu”?

Philippe Starck: Comme tu veux. (i.e. como você quiser).

Casa Vogue: *Merci. Mas não prefere se sentar deste lado apreciando a piscina?*

PS: Se eu ficar olhando para essas mulheres “nuas”, lindas, não conseguirei formular uma só resposta inteligente. (Risos).

CV: *Então, terá de ficar olhando para mim.*

PS: Pas mal... (i.e. nada mal).

CV: *Alors, Philippe Starck, como a sensualidade influi no seu trabalho?*

PS: A sensualidade é um dos parâmetros da vida. O que me inspira é a vida, a humanidade, a carne, o suor. Numa sociedade onde as pessoas são cartões de crédito é raro encontrar povos com alguma vida na alma. É preciso estar com gente assim, por isso estou no Rio. Aqui tem carne, música, suor, cheiro, movimento – os mais belos parâmetros da existência.

CV: *Como consegue materializar esses parâmetros nas suas criações?*

PS: Meu trabalho tem uma razão de ser ampla. Decoração, arquitetura, design, por si só, não me interessam. O que me move é a contribuição da minha arquitetura, design, decoração ao ser humano que ocupará o espaço que projetei, a decoração que planejei, o objeto que desenhei. Meu trabalho é mais político que cultural, mais ético que estético. A escolha, os materiais, as cores, as formas, a flexibilidade, a liberdade, a surpresa, o mistério, tudo isso envolve um sofisticado jogo de códigos que faz com que os que moram em projetos meus usem objetos que desenhei, entendam o que quero transmitir: ter alegria de viver, amar, respeitar, ter visão, perceber para onde caminha nossa civilização, nossa espécie animal. E por que fizemos tudo isso? E o que queremos fazer agora?







CV: *No que você quer chegar?*

PS: Nesse momento, estamos nos defrontando com tantas questões. Meu trabalho é um pretexto para expressar minhas idéias. É um ofício solitário, lento, duro. Nada simples transmitir uma idéia através de uma cadeira, são anos de reflexão. Para produzir são outros cinco, aí já passou a moda – o que é ótimo. Só depois de muito tempo esse alfabeto de imagens que crio através de meu trabalho se transforma em “palavras” que transmitem o que penso.

CV: *Tendo feito tanto, sua mensagem está mais clara. Como você encara a questão do amor na sua obra?*

PS: Nossa estrutura básica, química ou animal é extremamente poética e romântica. O entendimento das leis da Física fazem com que compreendamos até nossa vida amorosa. É isso que faço.

CV: *Você acredita em astrologia?*

PS: Nada disso! Muito ao contrário, estudo astronomia, nada a ver com essas besteiras de horóscopos, astrologia. Se você não entender isso, vou acabar brigando com você!

CV: *Não quero brigar com você, Philippe Starck. Quero apenas tentar compreender um pouco de sua complexa personalidade, se isso é possível. Podemos voltar?*

PS: Sim.

CV: *Então, como você aplica esses estudos paralelos ao seu trabalho?*

PS: Tenho aulas semanalmente com o professor de astrofísica Thibault Damour (assim mesmo, como amor), inventor da teoria do “Pré-Big Bang”, premiado com o Nobel de Física há uns anos. Ele é um dos três sucessores de Einstein. Aplicamos essas teorias inconscientemente. As crianças possuem a consciência do inconsciente – a presciência –, depois, adultos, esquecemos. Vou dar um exemplo de astrofísica. Ontem assisti ao eclipse lunar aqui do Rio. Entender o porquê da sombra sobre a lua já significa uma entrada gratuita para o desenvolvimento da inteligência. Quando se observa a sombra se movendo, compreendemos a distância, ao compreender a distância, imediatamente vem a compreensão das três dimensões, daí podemos passar ao entendimento do que significa, de fato, o infinito. Requer muita reflexão passar do plano de duas dimensões a que estamos acostumados, para o de três para, finalmente, o de quatro dimensões, aí a coisa se torna séria, bem séria.

CV: *Então, algo mais leve. Sua impressão deste país continental?*

PS: É a última reserva do mundo. O Brasil, como a Argentina, é um coquetel fantástico de loucura sul-americana com sofisticação européia, são combinações, misturas, tensões de grande valor no mundo atual.

CV: *Você ouviu falar sobre o artista plástico brasileiro Nelson Leirner? Ele está exibindo, em São Paulo, na Galeria Brito Cimino, a exposição Assim é...se lhe parece. A crítica e a busca do Nelson têm uma relação estreita com sua filosofia.*

PS: Adoraria conhecer.

CV: *Vou mandar o catálogo para você.*

PS: Que bom, vivo num casulo.

CV: *Não parece. Então, o que é fundamental na relação entre as pessoas?*

PS: A elegância. Ser profundo com leveza. Ser leve com profundidade. Quando conseguimos dar esse tom à nossa relação com a tribo, com a sociedade, com a civilização, conquistamos uma forma de amar. A elegância é uma demonstração de amor, de respeito.

CV: *A sofisticação?*

PS: É um dever sermos sofisticados. É um dever enxergar as coisas importantes de forma simples, ter objetivos que exigem de você e saber fazer autocrítica.

CV: *Você considera seu trabalho político, como vê o jogo EUA x França?*

PS: Escreva claramente: NÃO QUERO ME DECLARAR SOBRE ESSE ASSUNTO (rindo...).

CV: *A meu ver, a pessoa genial tem sempre a criança dentro de si.*

PS: Claro, olhe para mim! Eu mal comecei a viver! Quando eu crescer quero muito fazer um trabalho interessante (rindo...).

CV: *Mais algum projeto para o Brasil?*

PS: Quero fazer o meu trabalho melhor, não estou em busca de trabalho.

CV: *Para casar com uma pessoa como você, sua mulher deve ser muito especial.*

PS: Nori é maravilhosa, muito especial. É americana de Louisiana, fez Pedagogia, é inspetora fiscal. Sua família é de armadores, mas é ela quem dirige a empresa. Tem um site www.girlztoirlz.com que conta o dia-a-dia da nossa vida. Nori também está desenhando a Nori S, linha de roupa para grávidas sexy e elegantes. E ela tem um fraco: adora fazer bebês! Temos a K – só a letra K – de oito meses. Ela está esperando outro o ‘?’, Question Mark (i.e. Ponto de Interrogação). De ligações anteriores, tenho a Ara, de 24 anos, que mora em Nova York e OA, meu menino de 8 anos.

CV: *Fora mais bebês, algum projeto?*

PS: Levar uma vida normal. Tenho várias casas – só gosto de casinha pequena, sem ostentação – mas não vivo em nenhuma. Viajo tanto mas não vivo em nenhum lugar. Na realidade, moro no meu avião. Um pouco em Nova York, Londres, Paris, um pouco mais em Veneza e outro tanto a mais em Bordeaux, sudoeste da França, onde cultivo ostras. De todos é onde mais gosto. Esse para lá e para cá parece glamouroso, chique, mas acumular casas não é sinônimo de felicidade. São lugares lindos, paradisíacos. Mas pego o avião e só passo dois dias. Admito com toda a franqueza: estou em crise. Amanhã, vou a Londres encontrar minha mulher para discutirmos: como faremos para levar uma vida normal?

CV: *Uma vida normal? O que é isso?*

PS: Não sei, não tive (rindo).

Serviço. Livro Starck by Starck, do autor Doze, Pierre, editora Taschen. Site: www.taschen.com